

# Cristianismo Vitorioso



## A Casa Eterna

David Roper

Lar—que bela palavra! Alguém disse que “lar é onde está o nosso coração”. Oliver Wendell Holmes disse que lar é “onde amamos”, é aquele lugar “que os nossos pés podem deixar, mas o nosso coração não”<sup>1</sup>. John Howard Payne escreveu: “Embora vaguemos por prazeres e palácios medianos, por mais humilde que seja, não há lugar como o nosso lar”<sup>2</sup>.

Por mais maravilhosos que sejam os lares terrenos, muitos de nós ainda ansiamos pelo lar celestial. Queremos experimentar o que Paulo citou como “habitar com o Senhor” (2 Coríntios 5:8)—estar nesse lugar sobre o qual o sábio falou como a “casa eterna” (Eclesiastes 12:5).

O propósito desta lição é enumerar algumas características da “casa eterna” encontradas em Apocalipse 21:9 a 22:5. Ao fazermos isto, entendemos que foi empregada uma linguagem simbólica. Como você descreveria um iglu esquimó a um nativo da Nova Guiné? Como você descreveria a floresta amazônica a um nômade do deserto?<sup>3</sup> Como você descreveria a cidade de São Paulo a um garotinho que nunca viu um edifício com mais de um andar?

<sup>1</sup>Citado em Herbert V. Prochnow, *A Dictionary of Wit, Wisdom & Satire* (“Dicionário de Humor, Sabedoria e Sátira”). Nova York: Popular Library, 1964, p. 129.

<sup>2</sup>“Lar Doce Lar”, da ópera *Clari, the Maid of Milan* (1823). Citado em John Bartlett, *Bartlett’s Familiar Quotations* (“Citações Conhecidas de Bartlett”), 16<sup>a</sup>. ed., ed. ger. Justin Kaplan. Boston: Little, Brown and Co., 1992, p. 405.

<sup>3</sup>Estas duas primeiras citações foram adaptadas de Jimmy Jividen, “Homesick for Heaven” (“Saudades do Céu”), *Abilene University Lectures* (1980), p. 54.

Em cada um desses casos, sua descrição se basearia no que eles já experimentaram na vida—e, em nenhum deles, conseguiria exprimir totalmente a realidade. O mesmo aconteceu quando João tentou descrever o céu.

Anos atrás, uma linda menina nasceu a um casal cristão. Após algumas semanas, os pais notaram que ela tinha problemas de vista. Um oftalmologista disse a eles: “Sua filha Mary é quase cega. Talvez ela nunca possa ver”. E acrescentou a seguir: “Mas é possível que quando ela tenha doze anos, uma cirurgia lhe proporcione uma visão quase normal”.

É fácil imaginar como os pais de Mary se sentiram enquanto aguardaram aqueles doze longos anos. Quando Mary finalmente chegou à idade de doze anos, eles contrataram um renomado cirurgião oftalmologista da Europa. A operação deveria ser realizada num hospital situado nos Alpes. Durante o pré-operatório, a mãe de Mary abraçou-a e, para distrair-lhe a mente, falou das montanhas imponentes que cercavam o local.

Após a cirurgia, os pais, o cirurgião e as enfermeiras aguardaram ansiosamente. Por fim, chegou a hora de tirar as faixas. Uma das primeiras visões que Mary teve foi o majestoso pico do lado de fora de sua janela. Com lágrimas correndo pelo rosto, ela perguntou: “Mamãe, por que você não me disse que este mundo é tão lindo?”

A mãe de Mary agarrou-a nos braços e disse: “Mary, eu tentei dizer isto, só não consegui!”

Da mesma forma, quando os filhos de Deus remidos chegarem ao lar eterno na glória, dirão: “Irmão João, por que você não nos disse que aqui em

cima é tão lindo?” E ele responderá: “Filhos, eu tentei dizer isto no... livro de Apocalipse, só não consegui”<sup>4</sup>.

Enquanto este autor se empenhava no estudo do capítulo 20, desejou possuir a mente de Salomão. Enquanto escrevia sobre os capítulos 21 e 22, desejou possuir a língua de Davi. Faremos o possível para ajudar o leitor a compreender o simbolismo destes capítulos. Feito isto, estaremos livres para admirar como o céu *realmente* será maravilhoso!

Esta lição será sobre 21:9–21 e a próxima, sobre 21:22–22:5. A ênfase desta apresentação será a beleza da cidade celestial.

### A VISÃO DE TIRAR O FÔLEGO (21:9–11a)

O texto bíblico começa dizendo: “Então, veio um dos sete anjos que têm as sete taças cheias dos últimos sete flagelos e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a noiva<sup>5</sup>, a esposa do Cordeiro” (v. 9). O mensageiro escolhido para a ocasião é um tanto surpreendente: um dos anjos que derramara uma taça de ira. Aquelas taças estavam relacionadas a vingança e desespero, mas esta mensagem é de vitória e esperança. Talvez este anjo tenha sido escolhido para vermos o contraste entre a antiga “grande” Babilônia, e a nova santa Jerusalém. Em 17:1 um dos anjos com as taças de ira disse a João: “Vem, mostrar-te-ei o julgamento da grande meretriz que se acha sentada sobre muitas águas”. Agora, um dos sete anjos (talvez o mesmo) disse: “Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro”.

Muito tempo atrás, Moisés teve permissão de pisar no monte Pisga para avistar a Terra Prometida (Deuteronômio 3:27; 34:1). Semelhantemente, o anjo transportou João “em espírito<sup>6</sup>, até uma grande e elevada montanha”<sup>7</sup>, para lhe mostrar “a santa cida-

<sup>4</sup>A história de Mary foi adaptada de W. B. West Jr., *Revelation Through First-Century Glasses* (“Apocalipse Pelas Lentes do Primeiro Século”), ed. Bob Prichard. Nashville: Gospel Advocate Co., 1997, p. 150.

<sup>5</sup>A igreja é a noiva do Cordeiro (veja Efésios 5:22–32). Sugerimos que o termo “noiva” em 21:2, 9 refere-se à igreja glorificada no céu. (Veja os comentários sobre esses versículos na lição anterior.) Mais uma vez, é difícil distinguir entre as pessoas (a igreja) e o lugar (o céu): o anjo disse a João que ele lhe mostraria a noiva (v. 9), mas ele lhe mostrou uma cidade (v. 10).

<sup>6</sup>Isto não indica necessariamente que João foi transportado em corpo, mas que o seu espírito estava sob o controle do Espírito. Veja os comentários sobre 1:10 na edição “Apocalipse—Parte 2”.

<sup>7</sup>Compare este acontecimento com o descrito em Ezequiel 40:2. João foi transportado a um *deserto* para ver Babilônia, a grande, mas a uma *montanha* para ver a nova Jerusalém.



A Cidade Santa de Jerusalém Descendo do Céu da Parte de Deus (21:10)

de, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus<sup>8</sup>, a qual tem a glória de Deus” (vv. 10, 11a).

### A CIDADE FULGURANTE (21:11, 15, 16b, 18b, 21b)

A cidade que descia do céu resplandecia como uma jóia preciosa: “O seu fulgor era semelhante a uma pedra preciosíssima, como pedra de jaspé cristalina” (v. 11b). O que João viu era “a glória de Deus” (v. 11a). Na cena inicial do trono, Deus foi descrito como sendo “semelhante, no aspecto, a pedra de jaspé” (4:3). Aqui, vemos que a criação assumiu a qualidade do Criador. Ela, também, tinha o brilho da “pedra de jaspé cristalina”. Pense num diamante faiscante, radiando as cores do arco-íris<sup>9</sup>.

O anjo “tinha por medida uma vara de ouro para medir a cidade, as suas portas e a sua muralha” (v. 15)<sup>10</sup>. O tamanho da cidade era inacreditável:

<sup>8</sup>Esta não é uma segunda cidade descendo, nem a mesma cidade descendo pela segunda vez, mas trata-se do mesmo acontecimento mencionado em 21:2. Apocalipse fala muitas vezes do mesmo acontecimento mais de uma vez (compare 14:8 e 18:2; veja 9:20 e 16:9). Quanto ao possível significado de “descia do céu, da parte de Deus”, veja as observações sobre 21:2 na lição anterior.

<sup>9</sup>Veja os comentários sobre jaspé na página 4 na lição “A Perspectiva Correta” da edição “Apocalipse—Parte 3” desta série.

<sup>10</sup>Veja Ezequiel 40:3. Anteriormente, João recebeu um caniço para medir o santuário (11:1). Aquela medição foi feita com uma *vara* e tinha o propósito de proteção. (Veja os comentários sobre 11:1 na edição “Apocalipse—Parte 5” desta série.) No capítulo 21 a medição é feita com um instrumento

“E mediu a cidade com a vara até doze mil estádios. O seu comprimento, largura e altura são iguais” (v. 16b). Um *estádio* (uma unidade de medida romana) equivale aproximadamente a cento e oitenta e cinco metros<sup>11</sup>. Por isso a NVI diz que a cidade medeia “dois mil e duzentos quilômetros”<sup>12</sup> de todos os lados: comprimento, largura e altura!

Dois mil e duzentos quilômetros: esta “é aproximadamente a distância entre Londres e Atenas, entre Nova York e Houston, entre Delhi e Rangoon, entre Adelaide e Darwin”!<sup>13</sup> Doze mil e duzentos quilômetros: é “uma área 8,4 vezes o estado inteiro do Texas e maior do que toda a Austrália ou Europa”!<sup>14</sup> Mais do que isso, a cidade tem essa mesma medida de *altura*! Imagine um edifício com cem andares. (Existem apenas alguns com essa altura no mundo.) Agora, imagine um edifício com cento e *cinquenta* andares e admire-se com a seguinte possibilidade: você poderia empilhar *noventa* prédios desse tamanho num céu de dois mil e duzentos quilômetros! É um eufemismo dizer que essa cidade não se compara a nenhuma outra na terra!

As proporções fantásticas dadas no versículo 16b nos revelam dois fatos acerca da cidade. Em primeiro lugar, a cidade é perfeita, conforme reflete o uso do número “doze”, o número simbólico predominante nesta seção do livro (21:12, 14, 21; 22:2). “Doze”—o número da divindade (“três”) vezes o número da criação (“quatro”)—carregava a idéia de completitude ou perfeição<sup>15</sup>. O número ampliado “doze mil” significava perfeição *completa*<sup>16</sup>. A perfei-

---

de ouro, tendo o propósito de nos impressionar com a grandeza do céu.

<sup>11</sup>Veja os comentários sobre *estádio* na lição “A Hora da Colheita” da edição “Apocalipse—Parte 7” desta série.

<sup>12</sup>A NVI e outras versões modernas tentam tornar o texto mais compreensível convertendo a medida romana para quilômetros. Infelizmente, isto destrói o simbolismo dos números. Não há significado simbólico em “dois mil e duzentos” (como veremos mais tarde).

<sup>13</sup>Leon Morris, *Revelation* (“Apocalipse”), ed. rev. The Tyndale New Testament Commentaries. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1987, p. 244. Substitua por cidades conhecidas dos seus ouvintes com a mesma distância entre si.

<sup>14</sup>Burton Coffman, *Commentary on Revelation* (“Comentário sobre Apocalipse”). Austin, Tex.: Firm Foundation Publishing House, 1979, p. 494. Novamente, use uma comparação com a qual os seus ouvintes se identifiquem.

<sup>15</sup>Veja os comentários sobre o significado simbólico de “doze” e seus múltiplos nas páginas 4 a 6 na lição “Aqui Há Dragões!” da edição “Apocalipse—Parte 1” desta série.

<sup>16</sup>O número “doze mil” resulta da multiplicação de doze por mil e “mil” é dez vezes dez vezes dez. (“Dez” por si só é um símbolo de completitude; reveja os comentários sobre “dez” na página 4 na lição “Aqui Há Dragões!” da edição “Apocalipse—Parte 1” desta série.)

ção da cidade também foi dramatizada pelo fato de que a cidade tinha o formato de um cubo<sup>17</sup>; os antigos consideravam o cubo um símbolo de perfeição. O Santo dos Santos no templo era um cubo perfeito (veja 1 Reis 6:20) e a nova Jerusalém tem sido chamada de o *último* “Santos dos Santos”.

Em segundo lugar, as proporções exorbitantes implicam que tudo foi providenciado para os que realmente desejam ir para o céu (aqueles que o desejam o bastante para se prepararem). O convite pode se estender a *todos*: “O Espírito e a noiva dizem: Vem! Aquele que ouve, diga: Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida” (22:17).

Mais um detalhe é citado a respeito da cidade como um todo: o versículo 18 diz que “a cidade é de ouro puro, semelhante a vidro límpido”, enquanto o versículo 21 revela que “a praça da cidade é de ouro puro, como vidro transparente”. Ouro que reluz como um diamante? Ouro transparente como vidro? O material de construção extraterreno é uma proclamação de que o céu é tão valioso quanto o ouro e tão puro quanto o melhor cristal.

## A MURALHA PROTETORA

(21:12a, 14, 17, 18a, 19, 20)

A seguir, a atenção de João volta-se para a muralha da cidade. No primeiro século, toda cidade grande possuía muros de proteção. Da mesma forma, a cidade celestial “tinha grande e alta muralha” (v. 12a).

Pegando a vara de ouro para medir, o anjo “mediu também a sua muralha, cento e quarenta e quatro côvados, medida de homem, isto é, de anjo”<sup>18</sup> (v. 17). Um côvado era a distância do cotovelo de um homem até a ponta de seu dedo médio (cerca de cinquenta centímetros). Por isso a NVI diz “sessenta e cinco metros<sup>19</sup> de espessura”. Mas seriam sessenta e cinco metros de espessura ou de altura? A maioria dos escritores pressupõe que altura era o que estava

---

<sup>17</sup>Uma pirâmide provavelmente atenderia as exigências do texto. A imagem do cubo, porém, parece mais apropriada ao contexto. Visto que um cubo não se assemelha a uma cidade, pedi a Brian Watts que desenhasse uma cidade com altura, largura e comprimento iguais. Perdoe-nos as inevitáveis incoerências dos nossos esforços artísticos.

<sup>18</sup>A expressão “medida de homem, isto é, de anjo” é uma explicação razoável das palavras “segundo as medidas humanas, que também são medidas angelicais” (NASB). O ponto principal é que o anjo não estava usando algum sistema celestial de medida com o qual os leitores de João não estavam familiarizados.

<sup>19</sup>Novamente essa conversão obscurece o simbolismo do número usado.

sendo indicado. Não importa qual seja<sup>20</sup>. O importante é que um símbolo de perfeição foi usado: doze multiplicado por si mesmo. A cidade desfrutava de perfeita proteção.

Assim como a cidade (21:11), a muralha era feita de jaspe (v. 18a)<sup>21</sup>. Ela emitia uma luz trêmula com um fulgor extraterreno.

A característica mais admirável da muralha era seus fundamentos. Muros de cidades normalmente tinham um único fundamento; mas esse muro “tinha doze fundamentos, e estavam sobre estes os doze nomes dos doze apóstolos<sup>22</sup> do Cordeiro” (v. 14). Isto nos faz lembrar que o cristianismo foi “edificado sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular” (Efésios 2:20).

Além disso, o fundamento de um muro geralmente ficava abaixo da terra; mas as pedras desse fundamento ficavam expostas à vista, e eram “adornados de toda espécie de pedras preciosas” (v. 19a)<sup>23</sup>. Tentemos imaginar esta exibição magnífica (vv. 19b, 20). Ficamos fascinados com o verde da pedra jaspe, o azul da safira, o marrom leitoso da calcedônia, o verde claro da esmeralda, o branco do sardônio, o vermelho do sárdio, o verde-amarelado do crisólito, o violeta do berilo, o amarelo do topázio, o verde dourado do crisópraso, o azul do jacinto e o violeta da ametista, a “pedra dos sonhos”. Que contribuição magnífica ao fundamento deixada pelo ensino e exemplo dos apóstolos!

---

<sup>20</sup>Nenhuma das duas possibilidades é executável em termos arquitetônicos, mas isto não é importante, uma vez que os números são simbólicos. Na gravura, pedimos ao ilustrador que aplicasse as medidas à altura dos muros.

<sup>21</sup>Compare esta descrição com a de Isaías 54:11, 12.

<sup>22</sup>Alguns se preocupam desnecessariamente com o fato de “Paulo ter sido deixado de fora ou não”. “Doze apóstolos” indica *todos* os apóstolos e está de acordo com o uso predominante do número simbólico “doze” nesta seção de Apocalipse.

<sup>23</sup>Os comentaristas ficam fascinados com a lista de jóias, e muitos consideram a lista um quebra-cabeças a ser solucionado. Alguns mostram que oito das pedras são as mesmas encontradas no peitoral do sumo sacerdote (Êxodo 28:15–21). Outros propõem alguma mudança no uso supersticioso de pedras preciosas naqueles dias. Como não havia uniformidade na denominação das pedras naquele tempo, não há certeza quanto aos tipos de pedras citados nos versículos 19 e 20. Provavelmente, é melhor imaginar o impacto *total* da mostra do que prourar um significado “mais profundo”. A lista que se segue pode ser ou não cem por cento precisa quanto às cores, mas ela descreve uma ostentação que salta aos olhos!

## AS ADMIRÁVEIS PORTAS (21:12b, c, d, 13, 21a)

João também descreveu as portas da muralha. As cidades daquela época normalmente tinham uma porta, que era fechada à noite ou quando a cidade estava sob a ameaça de um ataque. A muralha da nova Jerusalém tinha um total de “doze portas” (v. 12b): “Três portas se achavam a leste, três, ao norte, três, ao sul, e três, a oeste” (v. 13). O propósito de ter doze portas *não* era implicar que “havia muitos caminhos até o céu”; Jesus proclamou que Ele era “o caminho” (João 14:6; grifo meu). Em vez disso, o número “doze” indica mais uma vez perfeição: oportunidades abundantes foram providenciadas para os que desejam se preparar. O fato de as portas se acharem a leste, norte, sul e oeste pode sugerir o apelo universal do cristianismo; homens afluíam de todas as partes da terra (Mateus 28:19; Atos 1:8)<sup>24</sup>.

Estavam em pé diante das doze portas “doze anjos” (Apocalipse 21:12c). Estariam ali para evitar que os indignos entrassem? Talvez sim (21:27; 22:15). Por outro lado, os anjos foram descritos como “espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que não de herdar a salvação” (Hebreus 1:14). Os anjos se alegram quando almas são salvas (Lucas 15:7, 10), e anjos levaram Lázaro até o seio de Abraão (Lucas 16:22). Preferimos, portanto, pensar nesses anjos como oficiais do Senhor recepcionando aqueles a quem se diz: “Muito bem, ... entra...” (Mateus 25:23)!

Estavam escritos nas portas os nomes “das doze tribos<sup>25</sup> dos filhos de Israel” (Apocalipse 21:12d)<sup>26</sup>. Visto que as “doze tribos” são usadas em Apocalipse como um símbolo da Israel espiritual (a igreja; veja 7:4–8)<sup>27</sup>, e visto que o propósito específico de Apocalipse era encorajar membros da igreja assediados, o termo aqui provavelmente se refere aos cristãos. É possível, porém que devamos ver este simbolismo como uma afirmação de que no céu estarão os fiéis de *todas* as eras (veja Hebreus 11:39, 40).

O aspecto mais admirável das portas era sua composição: “As doze portas são doze pérolas, e cada uma dessas portas, de uma só pérola” (Apo-

---

<sup>24</sup>A enumeração das quatro direções geralmente indicava toda a humanidade. (Veja os comentários sobre o significado simbólico de “quatro” na página 4 na lição “Aqui Há Dragões!” da edição “Apocalipse—Parte 1”, desta série.)

<sup>25</sup>Assim como não há propósito em debater se as referências aos doze apóstolos incluíam ou não Paulo, não há propósito em discutir se a tribo dos levitas era ou não uma décima-terceira tribo. A expressão “doze tribos” significa *todos* os israelitas.

<sup>26</sup>Veja a descrição das portas em Ezequiel 48:30–35.

<sup>27</sup>Veja os comentários sobre 7:4–8 nas páginas 6 a 9 na lição “Calmaria no Meio da Tempestade” da edição “Apocalipse—Parte 4”, desta série.

calipse 21:21a). Não eram portas *cobertas* de pérolas (como descreve o termo “portas peroladas”); eram pérolas. As pérolas estavam entre as jóias mais procuradas do mundo antigo. (Veja Mateus 13:46; 1 Timóteo 2:9.) Uma pérola com 1,3 gramas—do tamanho aproximado da ponta do dedo mínimo<sup>28</sup>—valia uma fortuna. Se um homem conseguisse várias pérolas desse tamanho, ele poderia se aposentar pelo resto da vida. Imaginemos, então, doze pérolas gigantescas, grandes o bastante para servir de portas para uma cidade!<sup>29</sup>

### CONCLUSÃO

Devemos entender as descrições do texto estudado literalmente? Refutando os literalistas, Charles Spurgeon calculou o tamanho da ostra necessária para produzir uma pérola do tamanho da porta de uma cidade. Depois, ele especulou o mar necessário para criar tamanha ostra<sup>30</sup>. Essas imagens têm como intenção nos deixar perplexos—nos deixar sem fôlego, meneando a cabeça e dizendo: “Se o céu é ainda mais maravilhoso do que *isto*, como ele deve ser maravilhoso!”<sup>31</sup>

<sup>28</sup>Poderíamos dizer: “Do tamanho de uma bola de gude”. Se quiser, use uma pedra do tamanho da ponta do dedo mínimo como ilustração visual.

<sup>29</sup>Muitos escritores descrevem a pérola como a única jóia produzida através do sofrimento. (Um grão de areia se aloja dentro da concha da ostra e a ostra cobre a superfície abrasiva numa tentativa de aliviar-se da dor.) Traçam o paralelo de que entrar no céu sempre envolve sofrimento: o sofrimento de Jesus, e muitas vezes o sofrimento de outros que andam nos Seus passos. Tenha ou não alguma base bíblica, esta ilustração incita o pensamento.

<sup>30</sup>Adaptado de H. L. Ellison, *1 Peter—Revelation* (“1 Pedro—Apocalipse”). Scripture Union Bible Study Books Series. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1969, p. 88.

<sup>31</sup>Se esta lição for usada como sermão, incentive seus ouvintes a se prepararem para este lar celestial. Veja idéias sobre como fazer isto na nota de rodapé 25, na página 45 desta edição.

### QUESTÕES PARA REVISÃO E DEBATE

1. O que você pensa quando ouve a palavra “lar”? O que você pensa quando ouve a palavra “céu”?
2. Por que é usada linguagem simbólica para descrever o céu? Isto significa que o céu é mais ou menos maravilhoso do que a descrição?
3. Qual é o significado simbólico do número “doze”? Quantas vezes o número “doze” se encontra no texto estudado nesta lição? Quais diferentes combinações do número “doze” são usadas? (Verifique uma tradução que não converta as medidas gregas para as medidas modernas, como a ERA.)
4. O que há de significativo no fato de a cidade celestial ter as mesmas dimensões em comprimento, largura e altura?
5. Na sua opinião, existe alguma relevância especial no uso de *pérolas* como portas?
6. Olhe mais adiante os detalhes sobre o céu dados em 21:22—22:5. Qual é a qualidade mais preciosa do céu para *você*?
7. Como podemos nos preparar para o céu?

### Notas para Professores e Pregadores

Talvez você queira que seus ouvintes cantem um cântico que fale do céu antes desta lição e da próxima.

Aqui estão alguns títulos alternativos para esta lição e um para a próxima: “Uma Vista Panorâmica do Céu”; “A Cidade Eterna”; “O Paraíso Recuperado”; “Voltando para Casa”; “Quero Ir para Casa!”

Se desejar, esta lição e a seguinte podem ser estudadas de uma vez: o céu é a casa eterna da alma: 1) resplandecente de beleza (21:9–21), 2) radiante de glória (21:22–27) e 3) repleta de amor (22:1–5).